

Resenha

“+Avaliação -Desigualdade”: Um olhar transversal para o contexto avaliativo

“+Avaliação -Desigualdade”: A transversal look at the evaluative context

Umberto Proietti Neto^{1*} 

¹Pesquisador independente

Umberto Proietti Neto, branco, pesquisador independente.

COMO CITAR: Proietti Neto, Umberto (2023). “+Avaliação -Desigualdade”: Um olhar transversal para o contexto avaliativo. *Revista Brasileira de Avaliação*, 12(1), e120623. <https://doi.org/10.4322/rbaval202312006>

Introdução

Avaliação e monitoramento são práticas fundamentais para a gestão do investimento social público e privado. Como todas as esferas da vida social, estão sujeitas à forças políticas, socioeconômicas, culturais que atravessam as relações entre indivíduos, comunidades, organizações e instituições. Esse é um dos pontos de partida da publicação “+Avaliação -Desigualdade”, concebida na parceria entre a Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação (RBMA) e a Agenda de Avaliação do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE) em 2021, e publicada em 2022 (Matheus, 2022).

A publicação se destina a toda a comunidade que interage com processos avaliativos, organizações contratantes e consumidoras de avaliações, avaliadores independentes, também àqueles que em geral são considerados o “público-alvo” das avaliações. A metodologia foi pautada na construção coletiva: primeiramente na revisão e mapeamento da literatura que abordasse a intersecção entre os temas avaliação-desigualdades-investimento social privado, em seguida foram entrevistadas 20 pessoas com diferentes trajetórias e recortes sociodemográficos vinculadas ao meio avaliativo, e em terceiro lugar houve a promoção de rodas de conversa com ainda mais pessoas do meio para apresentar os processos e resultados dos passos anteriores e abrir para debate em mais uma instância para consolidar oito diretrizes aglutinadas em quatro pares.

A publicação

Nas palavras de Cesaire (1955), “[...] uma civilização que se revela incapaz de resolver os problemas que seu próprio funcionamento suscita, é uma civilização decadente”. As desigualdades são um desses problemas e são, nos ternos da publicação: eticamente inaceitáveis, politicamente instáveis, socialmente vulneráveis, coletivamente insuportáveis. “+Avaliação -Desigualdade” nos instiga a pensar a avaliação através dessa perspectiva.

A existência de desigualdades socioeconômicas como fenômeno social é ponto pacífico, do senso comum ao meio acadêmico, embora suas raízes e soluções sejam alvo de debates que perduram por séculos, e sejam, há tempos, objetos de políticas públicas e projetos de investimento social privado. Contudo nos deparamos em “+Avaliação -Desigualdade” com um olhar para todas as assimetrias que de forma interseccional atravessam a constituição dos sujeitos. Assimétricas não apenas de acessos a recursos materiais entre as partes envolvidas nos programas e projetos e suas avaliações, mas também epistemológica, simbólica e cosmológica que permeiam a valoração dos corpos, a validação de discursos, os lados da linha abissal

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Abril 04, 2023

Aceito: Abril 16, 2023

***Autor correspondente:**

Umberto Proietti Neto

E-mail: umberto.proietti@yahoo.com



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



(Santos, 2007) no qual se encontram cada um dos agentes envolvidos no processo avaliativo, em relação aos seus recortes sociodemográficos e identitários.

Tendo em vista a proporção continental do território brasileiro, a complexidade e diversidade dos desafios de gerar impactos sociais positivos, “+Avaliação -Desigualdade” pensa o processo avaliativo como um exercício, uma ferramenta, cujo potencial para contribuir com o processo de redução ou eliminação das desigualdades se dá na construção de conhecimento sobre os desafios locais e globais, no mapeamento e dimensionamento de assimetrias, na compreensão dos impactos de cada projeto e na diversificação dos agentes que interagem com o processo avaliativo. Para isso construíram oito diretrizes, agrupadas em quatro pares que são condições para potencializar essa ferramenta. São diretrizes reflexivas e dialógicas que almejam antes expandir horizontes do que criar axiomas ou leis, mesmo assim possuem parâmetros bem definidos e métodos de implementação propositivos.

O primeiro par de diretrizes é democrática e transparente. Democrática pela assunção e reconhecimento de que as relações postas são políticas, implicando em agentes de interesses distintos e em posições assimétricas, ativamente, equalizando o processo, de modo a elevar e engajar as vozes que tendem a ser silenciadas. Transparência implica na publicização reiterada de dados, métodos, recursos e processos que permitam a responsabilização de agentes e agências, rastreabilidade e revisão de processos e métodos, numa linguagem acessível a todos os envolvidos, condição fundamental também para a democratização do processo avaliativo.

Intercultural e inter-identitária instigam considerar a multiplicidade de cosmovisões das comunidades afetadas no processo avaliativo. É importante para potencializar a observância de necessidades locais a validação de perspectivas das comunidades, que nem sempre tem acesso ao conhecimento técnico ou acadêmico, como sujeitos de saberes ao invés de objetos do conhecimento. Escuta ativa, reflexividade, curiosidade e inclusão da comunidade no processo avaliativo são fundamentais para integrar pessoas com diferentes trajetórias, arcabouços culturais e recortes de gênero, raça/cor, etnia, identidade, etc.

Interdisciplinar e multi-saberes, trata da importância do questionamento dos princípios que regem a produção e validação do conhecimento e a assimetria entre as disciplinas acadêmicas e saberes tradicionais. É ressaltada a necessidade de abarcar paradigmas epistemológicos que permitam visões holísticas e sistêmicas do conhecimento, incluindo tanto os saberes empíricos de comunidades como a lógica do conhecimento nos paradigmas acadêmicos. É proposto um escopo transdisciplinar na avaliação, agregando profissionais com diferentes arcabouços teóricos que permita a coexistência metodológica na condução dos processos avaliativos.

Pedagógica e reformadora demonstra a necessidade de o processo avaliativo se retroalimentar, com vistas a processos continuados de formação e conscientização das populações avaliadas que, por sua vez, formam e conscientizam os outros agentes da avaliação, de modo a tornar o processo mútuo e dialógico. Processo que também se abra à autocrítica, pensa o destino da avaliação e a quem ela serve, bem como se a formulação das perguntas que movem a avaliação tem solidez o bastante para tornar o processo de fato transformador.

É possível pensarmos “+Avaliação -Desigualdade” como um dos pontos de partida para se pensar a avaliação pelas perspectivas ética e política que, por sua vez, promovem um conjunto de práticas que se demonstram coadunadas com demandas de parcelas da sociedade. Parte dela, posta nos lados desfavorecidos das relações desde o período colonial, com a pilhagem sistemática, material e simbólica, de sociedades que hoje compõem o Sul Global. Ignorar tais perspectivas que almejam a simetria, pode descredibilizar processos potentes para a construção de equidade nos contextos avaliativos e ainda perpetuar um conjunto de práticas que reforçam as desigualdades.

Fonte de financiamento

Não há.



Conflito de interesse

Não há.

Referências

Cesaire, Aimé. (1955). Discourse on colonialism. New York: Monthly Review Press.

Matheus, Wesley (Ed.). (2022). Mais avaliação e menos desigualdades. Rio de Janeiro: Grupo de Institutos, Fundações e Empresas. Recuperado em 4 de abril de 2023, de <https://sinapse.gife.org.br/download/mais-avaliacao-e-menos-desigualdades>

Santos, Boaventura de Sousa. (2007). Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78(78), 3-46. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.753>